

■ Guerra, informação e resistência

— Ricardo Sapia

O ataque ao Iraque pelos Estados Unidos apoiado na "teoria da guerra preventiva" abre um novo ciclo de disseminação do poder imperial. Assistimos a uma guerra em que o campo de percepção sensorial por meio da batalha virtual não pode mais ser separado da batalha real que foi travada nos territórios áridos do Iraque e nas ruas arrasadas de Bagdá. Enquanto governos como aqueles de Inglaterra e Espanha se adiantaram em justificar o apoio incondicional ao poder imperial norte americano, é nestes mesmos países que verificamos grandes focos de resistência contra a guerra.

Quando em setembro de 2001, logo após o ataque as torres gêmeas em Nova Iorque, por "decreto imperial", os Estados Unidos anunciavam a teoria da guerra preventiva, estava dado o grande passo em direção a guerra civil globalizada. Não é o início de uma terceira guerra mundial, uma vez que se desloca o foco do conflito entre Estados Nacionais do tipo tradicional. O Iraque, apesar de palco de interesses econômicos norte americanos, deve ser entendido para muito além de seus limites territoriais. É antes foco de concentração bárbara que ameaça o poder de polícia do Império. A questão não é a violência e o terrorismo em si, mas quem os exerce. Iniciativas que não partam do poder do império não podem ser toleradas. Terroristas e criminosos são aqueles que refutam e ameaçam o poder dos Estados Unidos. Entender o conflito do ponto de vista ocidente x oriente leva ao equívoco de opor americanismo x antiamericanismo. É a mesma lógica perversa que tem polarizado opiniões sobre a nefasta execução de civis cubanos - é um equívoco tomar partido de qualquer um dos lados. A sanção aos direitos civis, como aquela da liberdade de emigração verificada pelo castrismo, é tão absurda quanto as diretrizes políticas norte americanas.

Bush é o imperador que tem o poder de decidir sobre a vida das pessoas, sendo que a iniciativa da guerra não pode ser entendida como manifestação de vontade do povo norte americano. De forma nunca vista, assistimos às justificativas inventadas pelo poder de polícia do Império. A disciplina e o controle exercidos pelo poder que não encontra mais barreiras territoriais mascara e

desfoca a própria justificativa inventada que levou à guerra - a existência ou não de armas químicas e biológicas já não são sequer questionadas. Encontrar ou não armas proibidas não muda em nada as decisões tomadas sob poder de fogo que tem disseminado morte e destruição para além de qualquer barreira possível.

Neste sentido Saddam não é apenas cria norte americana, é o inimigo que dá corpo à inventiva de guerra. Nas duas grandes guerras que atravessaram o século XX o (Estado) inimigo é atacado quando se mostra em relação de desacordo no conflito de interesses. Saddam foi que deu corpo a inventiva de guerra do império norte americano, sendo que a guerra é propagada como justa uma vez que ameaça o poder de polícia dos EUA.

Os serviços de informações, por mais que tenham exercido papel fundamental nas guerras anteriores, não podem ser comparados com este que vemos hoje. O que assistimos pelo televisor da sala de nossas casas é uma guerra que não separa mais o campo real daquele virtual. A percepção da guerra provoca nossas sensações com tamanha rapidez, que impede o que antes se entendia por "experiência de guerra". Portanto a disputa (a guerra), é travada também, e de forma indistinta, pela conquista e difusão das informações.

É bem verdade que o poder de manipulação pode ser maior que nas guerras anteriores. A guerra assistida ao vivo e a cores favorece como um *flash*, a padronização simultânea das nossas sensações, e por isso das nossas opiniões. Neste ponto corre-se o risco de uma espécie de alucinação coletiva provocada pelo campo virtual que rompe com o conceito de tempo favorecendo a hegemonia de informações. Ambos os lados, tanto daqueles que são favoráveis quanto os que são contrários a guerra estão sujeitos à frenesi da manipulação. A sandice do perigo iraquiano pode ser contra posta com uma espécie de antiamericanismo impensado por parte dos opositores à guerra.

Mas existe neste momento uma abertura de possibilidades que deve ser observada. Nas guerras anteriores as fontes de informações eram únicas ou polares. Nesta, as fontes se multiplicaram e para além da *Fox New*, *Al Jazeera*, BBC, CNN e o Pentágono, ações diversas da sociedade civil aparecem como novas possibilidades. A disseminação e o alargamento das formas de controle abrem a possibilidade para múltiplas e incalculáveis formas de resistência. Se, por um lado, esta abertura faz com que a guerra midiática fique bastante confusa,

por outro lado possibilita inúmeras formas de resistência. Por isso a luta dos ativistas contra a guerra deve ser entendida não como ponto defensável que se polariza entre os Estados Unidos e Bush de um lado e Saddam e o Iraque de outro. A desobediência se opõe afrontando o controle e a destruição da guerra, buscando construir a anti-guerra, ou seja, contra a manipulação dos corpos e pelo prolongamento da vida.

Por isso as diferenças da multidão se afirmam como formas alternativas no real e no virtual. A desmistificação da guerra inventada por Bush apenas é possível com a desobediência. Desobediência que é contundente à medida que os cidadãos se opõem a decisão de guerra. Guerra é morte e destruição, sendo que as ações possíveis e eficazes consistem em atacar a "lógica de guerra" - contra o aniquilamento da vida a desobediência aparece como dispositivo de prolongamento da existência. Destruir o estado de guerra permanente é o papel dos ativistas, estes novos bárbaros que tem se somado aos milhões contra a efetividade ilegítima do poder imperial.